

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

MILKLÉIA BISPO PAES

COMO OS PAIS SE RELACIONAM COM A ESCOLA DE SEUS FILHOS?

Curitiba

2016



MILKLÉIA BISPO PAES

COMO OS PAIS SE RELACIONAM COM A ESCOLA DE SEUS FILHOS?

Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob orientação da Prof.^a Dra. Clara Brener Mindal, como requisito para conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2016

**Dedicado a todos que acreditam que a Educação vale a pena.
Aos Pais e Professores que buscam diariamente garantir a formação
íntegra dos nossos pequeninos e futuros cidadãos.
Aos meus filhos Milton e Miguel que me motivaram a não desistir.
E aos meus pais Milton e Madalena que sempre me incentivaram nessa
trajetória de busca dos meus sonhos.**

AGRADECIMENTOS

A Deus que me acompanhou durante toda a minha trajetória, não somente acadêmica, mas durante os percursos da vida. Pela força que me concedeu, pelas bênçãos e proteção, e por me proporcionar o dom da vida.

A professora, orientadora, Clara Brener Mindal, pelo apoio, incentivo e confiança que demonstrou durante o período de realização desse trabalho. E pela amizade construída ao longo de nossa convivência, que me fez crescer como pessoa.

Aos docentes que me acompanharam ao longo dos cinco anos de formação, que de alguma maneira contribuíram diretamente à minha formação. Iguatariamente agradeço ao Setor de Educação da UFPR, e à coordenação do Curso de Pedagogia.

A professora, e coordenadora, Angela Maria Scalabrin Coutinho, que sempre esteve aberta a diálogos, e disposta a ajudar. Tornando-se um referencial de profissional, e pessoa.

Aos meus pais Milton e Madalena, que me incentivaram durante todo o meu percurso acadêmico. Que me convenceram a cursar Pedagogia, e me apoiaram, proporcionando que alcançasse a conclusão desta etapa de minha formação.

Aos meus filhos Milton e Miguel, que diariamente me inspiram a acreditar que não para por aqui. Eles me motivam a galgar passos cada vez mais altos, acreditando que conquistar uma educação, e um processo formativo de qualidade é possível.

Aos profissionais da educação: professores, pedagogos e equipe diretiva da escola campo de pesquisa, que me acolheram em sua escola, e ao abrirem suas portas oportunizaram que a realização deste trabalho se tornasse possível.

As colegas que me acompanharam durante os anos de formação, Mariane, Stefany, Andréia Daniele, Nathalia, Amanda, Suzane e Mayara, pela amizade, companheirismo e colaboração recebida durante o curso. E aos demais colegas que de uma forma contribuíram para essa formação.

“o fim (resultado) da educação se identifica com seus meios (o processo), do mesmo modo, aliás, que os fins da vida se identificam com o processo de viver. Enquanto vivo, eu não me estou, agora, preparando para viver daqui a pouco, estou vivendo. Do mesmo modo eu não me estou em um momento preparando para educar-me, e, em outro, obtendo o resultado dessa educação.”

John Dewey

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema e principal objetivo, compreender a relação dos pais com a escola de seus filhos. Para tanto, procuramos artigos que abordassem esse tema e coletamos dados junto aos pais de uma escola da região sul de Curitiba. Participaram 52 pais ou responsáveis de 1º, 3º e 5º ano, que por meio de respostas aos questionários aplicados relataram como veem esta relação e como esta têm se efetivado. A relação escola família tem se evidenciado nas pesquisas acadêmicas, como suporte para que o aprendizado do educando ocorra de maneira efetiva. Deste modo, conhecer as perspectivas dos pais sobre esta relação tende a propiciar uma melhor compreensão de como este relacionamento têm ocorrido. Com base nos referenciais teóricos (BHERING, 2003; BHERING E SIRAJ-BLASTCHFORD, 1999; CAVALCANTE, 1998; FERREIRA E MATURANO, 2002; FONSECA, 1999; POLONIA E DESSEN, 2005; RIBEIRO E ANDRADE, 2006) buscou-se compreender os dados coletados, a partir dos questionários aplicados aos pais, e observou-se que a escola, campo da pesquisa, embora esteja buscando aproximar as famílias de seu cotidiano, ainda encontra dificuldades para que o relacionamento entre família-escola se efetive. As constatações obtidas através da presente pesquisa demonstram que a temática das relações entre família-escola tem se apresentado como um desafio, na busca de compreensões por parte de pesquisadores e profissionais da educação.

Palavras chave: Relação família-escola. Participação dos Pais na Escola. Escola Pública. Relacionamento família-escola.

ABSTRACT

The purpose of this conclusion of course work is to understand the relationship between parents and their children's school. To do it, we searched for articles that addressed this theme and collected data from the parents of a school in the southern region of Curitiba. Fifty-two parents or guardians of the 1st, 3rd and 5th year participated, who through answers to the applied questionnaires reported on how they see this relationship and how it has made effective. The family-school relation has been evidenced in academic researches, as a support for the student's learning occurs effectively. In this way, knowing the perspectives of parents about this relationship, tends to provide a better comprehension of how this relationship has occurred. Based on the theoretical references (BHERING, 2003; BHERING E SIRAJ-BLASTCHFORD, 1999; CAVALCANTE, 1998; FERREIRA E MATURANO, 2002; FONSECA, 1999; POLONIA E DESSEN, 2005; RIBEIRO E ANDRADE, 2006), it sought to understand the data collected from the questionnaires applied to the parents, and we observed that the school, the field of the research, although seeking to bring families closer to their daily lives, still finding difficulties for the relationship between family-school becomes effective. The findings obtained through the present research demonstrate that the thematic of family-school relationship has presented a challenge, in the search for comprehensions by researchers and education professionals.

Keywords: Family-school relation. Parents participations in the school. Public school. Family-school relationship

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
REVISÃO DE LITERATURA	12
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA.....	34
CAPÍTULO III	
ANÁLISE DE DADOS	37
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE	61

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso surge a partir de Reflexões acerca da temática da relação entre família-escola. Verificamos que tanto a escola atual, percebida nos estágios realizados ao longo do curso de Pedagogia, quanto a literatura utilizada ao decorrer do curso sugerem que o relacionamento existente entre família e escola deve ser fortalecido, compreendendo que a valorização desta relação possa vir influenciar diretamente no desenvolvimento do educando.

Portanto, nos parece necessário pesquisar o ponto de vista dos pais sobre esse relacionamento, buscando compreender seus anseios e perspectivas. Cabe aqui ressaltar, que quando utilizamos o termo pais consideramos quaisquer responsáveis pela criança, sejam estes pai, mãe, avós, tios, ou outro responsável legal.

Neste trabalho procuramos com apoio em referenciais teóricos que discutem o tema da relação família-escola compreender a visão de pais de uma escola da rede pública de Curitiba a respeito da relação que possuem com a escola de seus filhos.

A legislação brasileira considera a educação de crianças um dever da família e do estado, sendo assim, há o incentivo de que o relacionamento entre a família e a escola ocorra, e, o que se constata em muitas das escolas brasileiras é que elas têm buscado promover ações de incentivo à participação dos pais.

Em minha vivência como estudante do curso de pedagogia e mãe de um aluno do ensino fundamental, presenciei algumas situações que me chamaram a atenção no decorrer da trajetória escolar de meu filho. Percebi que muitas vezes quando alunos não obtêm um bom desempenho escolar, grande parte dos professores acabam responsabilizando os pais por estas dificuldades, caracterizando-os como

alheios a vida escolar da criança. Vivenciei em diferentes momentos uma cobrança constante em relação à presença dos pais na escola, com o intuito de fazer cumprir o que salienta a legislação.

Essa experiência particular aparece em diversos estudos acadêmicos. Por exemplo, Resende e Silva (2016), por um lado, ao realizarem um estudo que relata parte do histórico da legislação brasileira no que diz respeito à relação família escola, sinalizaram que no decorrer dos últimos 30 anos:

As relações entre escolas e famílias constituem um tema que vem ganhando importância e visibilidade crescentes na sociedade atual, conquistando espaços nos meios de comunicação, nas políticas públicas, nos projetos pedagógicos das escolas, na pesquisa científica sobre educação. (RESENDE; SILVA, 2016, p. 30).

Tal constatação nos confirma que a obrigatoriedade da educação por parte da família e o Estado têm colocado esta temática em evidência, ocasionando interesses de estudos e compreensões acerca do tema.

Por outro lado, alguns autores (BHERING, 2003; PEREZ, 2010; RIBEIRO E ANDRADE, 2006) revelam que há uma tendência das famílias serem prioritariamente culpabilizadas pelo fracasso escolar das crianças, bem como, existência de demasiada cobrança por parte da escola em relação às famílias.

Com base na literatura, compreende-se que há uma crença infundada que se encontra incutida na sociedade brasileira; uma visão de que os pais que acompanham regularmente o desempenho da criança teriam filhos bem-sucedidos na trajetória escolar, enquanto as crianças caracterizadas com insucesso escolar não teriam este mesmo acompanhamento por parte dos pais.

É o que mostram, por exemplo, Ribeiro e Andrade (2006) ao revelarem que o acompanhamento dos pais em relação à vida escolar da criança não garante, por si só, o sucesso escolar do educando, ressaltando que não é possível afirmar que cobranças de auxílio por parte dos pais sejam relevantes, visto que isto parece não determinar o sucesso escolar da criança.

A partir dessas contradições sobre a presença dos pais na educação escolar, relatadas acima foram levantados alguns questionamentos sobre qual seria a perspectiva do relacionamento família-escola na visão dos pais: Como estes pais veem essa relação? Como este relacionamento têm se efetivado?

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia busca, então, compreender a visão que as famílias de uma escola da região sul de Curitiba têm a respeito do relacionamento com a escola de seus filhos, bem como, quais as dificuldades encontradas para efetivar essa relação.

O presente trabalho possui os seguintes objetivos:

1. Investigar qual a visão que os pais possuem do relacionamento família-escola.
2. Conhecer as formas de participação dos pais na vida escolar dos filhos.
3. Desvelar quais são as dificuldades encontradas pelos pais na relação família-escola.

No intuito de explanar os objetivos propostos, este trabalho foi organizado da seguinte forma: no capítulo I, apresentamos revisão de literatura sobre a relação família escola e ressaltamos as contradições existentes apontadas pelos autores referenciados.

No capítulo II, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados, para a pesquisa de campo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No capítulo III, apresentamos os dados obtidos em campo, e buscamos compreender as perspectivas dos pais participantes da pesquisa, a partir da análise de dados realizada com base nos referenciais teóricos utilizados.

Por fim, elaboramos algumas conclusões e considerações finais sobre a pesquisa e o trabalho realizado

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Quando mencionamos que as políticas públicas têm se voltado à temática da relação família-escola, achamos necessário verificar como a legislação brasileira tem abordado esta relação. A este respeito, as autoras Resende e Silva (2016), realizaram um estudo acerca da relação entre família-escola segundo a legislação brasileira dos últimos trinta anos, e verificaram que a relação entre família e escola pode ser classificada em quatro patamares distintos: 1º - o ato da matrícula, 2º - a recepção de informações, 3º - interações diversas e o 4º - envolvimento parental. Todos estes patamares, relatados pelas autoras, encontram-se embasados na legislação brasileira, o que reforça o ideal de que a legislação busca dar visibilidade a esta relação.

O Primeiro Patamar da relação família-escola, apresentado pelas autoras, se caracteriza com a obrigatoriedade da matrícula, que se fundamenta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), em seu artigo 6º, onde consta a obrigatoriedade das matrículas para as crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade. Em seu artigo 2º a LDB ressalta ainda que a educação é dever da família e do estado, visando o pleno desenvolvimento do educando, sendo um direito da criança assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

Resende e Silva (2016), destacam que no ato da matrícula inicia-se uma relação de associação entre família e escola, onde mesmo que com pouca frequência, o relacionamento entre estas estará presente, permanecendo no decorrer da trajetória escolar da criança.

O segundo Patamar da relação entre família-escola, relatado pelas autoras, é caracterizado pela recepção de informações, que se assegura na redação presente no artigo 12º da LDB – inciso VII determinando que cabe aos estabelecimentos de ensino, manter pai e mãe, e, se for o caso, responsáveis legais, informados sobre a assiduidade e desempenho do aluno, além de relatar a estes o modo que a execução da proposta pedagógica da escola ocorre. Para as autoras, “Trata-se da regulamentação de um nível de relação família-escola que vai além da mera matrícula e da garantia de frequência” (RESENDE; SILVA, 2016, p. 40).

Para as autoras, muitas vezes o segundo patamar acaba por restringir-se apenas a entrega de boletins e discussão de resultados, deixando à parte aspectos referentes às propostas pedagógicas da escola.

O terceiro patamar presente na relação família e escola, apresentado e denominado por Resende e Silva (2016) como interações diversas, pode ser caracterizado pela participação dos pais em reuniões, festas, mutirões, entre outras atividades realizadas pelas escolas. Conforme os artigos 12º e 13º da LDB (BRASIL, 1996), que priorizam a articulação da escola com a família e a comunidade, a fim de criar processos que integrem a escola com a população ao seu redor. Assim os docentes estão incumbidos de colaborar com atividades de articulação entre a escola, as famílias e comunidade.

As autoras relatam que a partir dos aspectos legais, o que pode ser verificado é que há uma valorização/incentivo da interação entre família-escola principalmente nas séries iniciais, o que na prática, vai se perdendo ao longo da progressão gradual do educando para níveis mais elevados.

O quarto patamar da relação família e escola, retratado pelas autoras, denomina-se envolvimento parental, que se caracteriza através da participação da família na gestão democrática, em associações, colegiados, conselhos, assembleias e outros; conforme as autoras, este patamar se encontra fundamentado no artigo 14º da LDB (BRASIL, 1996), que dispõe sobre as normas para a efetivação da gestão democrática. Na educação básica serão definidas pelos sistemas de ensino, atendendo suas próprias particularidades, sendo um de seus princípios a participação da comunidade escolar e de seu entorno nos conselhos escolares ou equivalentes.

Conforme Resende e Silva (2016), a participação dos pais na gestão democrática tem encontrado muitos desafios para se concretizar. O que se observa é que os pais se encontram imensamente atarefados, com seus trabalhos e afazeres, de modo que acabam eximindo-se de atribuições referentes à gestão da escola, para não se encontrarem “sobrecarregados” de tarefas.

Parece-nos que embora se apresente um incentivo da legislação em estimular o relacionamento entre família e escola, não há uma maneira única de como possa vir ocorrer essa interação, mas a legislação propicia que haja diferentes interpretações a respeito da temática, ficando assim, a critério de cada instituição a maneira de relacionar-se com as famílias dos alunos. Percebe-se que há uma preocupação em relação ao que os pais devem fazer, porém não se busca promover um diálogo com os mesmos para que isto ocorra de modo efetivo.

Diante do quadro exposto buscamos junto ao site do MEC políticas ou programas de ações relacionadas à interação da família com a escola de seus filhos, percebemos que aparentemente o MEC (Ministério da Educação), assim como a legislação brasileira, não apresenta nos conteúdos disponíveis maneiras de se

estabelecer uma interação entre família e escola. No portal do MEC localizamos algumas orientações sobre o que os pais devem verificar em relação à educação de seus filhos, porém são apenas sugestões, não garantindo que tais ações se deem de maneira efetiva:

- * Cultive o hábito da leitura em sua casa.
 - * Ajude seu filho a conservar o livro didático. O material servirá para outros alunos futuramente.
 - * Acompanhe a frequência da criança ou do adolescente às aulas e sua participação nas atividades escolares.
 - * Visite a escola de seus filhos sempre que puder.
 - * Observe se as crianças ou adolescentes estão felizes e cuidadas no recreio, na hora da entrada e da saída.
 - * Verifique a limpeza e a conservação das salas e demais dependências da escola.
 - * Observe a qualidade da merenda escolar.
 - * Converse com outras mães, pais ou responsáveis sobre o que vocês observam na escola.
 - * Converse com os professores sobre dificuldades e habilidades do seu filho.
 - * Peça orientação aos professores e diretores, caso perceba alguma dificuldade no desempenho de seu filho. Procure saber o que fazer para ajudar.
 - * Leia bilhetes e avisos que a escola mandar e responda quando necessário.
 - * Acompanhe as lições de casa.
 - * Participe das atividades escolares e compareça às reuniões da escola. Dê sua opinião.
 - * Participe do Conselho Escolar.
- (MEC, O que verificar em relação à educação de seu filho – Ensino Fundamental e Médio¹).

A partir desta leitura, parece-nos que há uma preocupação em relação a conduta que os pais devem ter em relação a educação escolar da criança, porém, não se busca promover um diálogo com os mesmos para que isto ocorra de modo efetivo. Algumas atitudes que são apontadas pelo MEC, para que os pais realizem em relação a educação de seus filhos, se houvesse um incentivo em concretiza-las, encontrariam dificuldades de serem realizadas, visto que, por exemplo: como seria possível

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dia-a-dia-do-seu-filho/ensino-fundamental-e-medio>

propiciar que os pais dos alunos estejam presentes no momento de recreio, para que observem se estes estão felizes e cuidados neste momento? Ou como os pais podem verificar diariamente se há limpeza e conservação nas salas e demais dependências da escola? Ou até mesmo como observarão a qualidade da merenda? Estes são exemplos de ações, sugeridas pelo MEC aos pais, que dificilmente haverá oportunidades de serem realizadas no ambiente escolar, sem ferir a conduta e o andamento do funcionamento da escola. Mesmo em uma escola pequena, acredita-se que professores e funcionários encontrariam dificuldades em exercer suas funções com pais circulando nas dependências da escola no momento em que estão exercendo atividades em função das crianças.

Prosseguindo à busca no portal do MEC, localizamos uma publicação de 2009 que fora elaborada a partir de uma pesquisa da UNESCO em conjunto com o MEC, organizada por Castro e Regattieri. A publicação intitulada *Interação Escola-Família: Subsídios Para Práticas Escolares*, visava identificar algumas iniciativas de interação entre família-escola ativas no Brasil (CASTRO; REGATTIERI, 2009). Para este estudo foi realizado uma chamada online, para que as SMEs (Secretarias Municipais de Educação) relatassem as experiências de parceria com as famílias; além de contatos com pesquisadores da área, professores universitários, gestores públicos e avaliadores que mantivessem contato com diferentes SMEs, a fim de identificar experiências significativas da interação entre família-escola.

A publicação apresenta 18 experiências coordenadas pelas SMEs, e 14 experiências realizadas pela escola sem nenhuma intervenção direta das SMEs. Neste, não se buscou apresentar um modelo pronto de como a interação família

escola deve ocorrer, mas sim “dar um norte” para que os estabelecimentos de ensino possam exercer essa interação de maneira satisfatória.

Castro e Regattieri (2009) apresentam-nos que há um ideal, sustentado pelos profissionais de educação, de que “uma família cujos membros mais velhos frequentaram a escola por um tempo significativo tende a entender e valorizar o que acontece nesta instituição”, além de considerarem indispensável o acompanhamento dos pais nos deveres para casa das crianças, mesmo sem terem ciência se este acompanhamento possa ser realizado conforme o esperado pelos professores.

A pesquisa relata ainda de que diversos fatores podem ser considerados influenciadores diretos do aprendizado do educando:

Mesmo que não haja uma comprovação científica da influência direta da interação escola-família na melhoria do aprendizado dos alunos, inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo todo têm mostrado que as condições socioeconômicas, as expectativas e a valorização da escola e o reforço da legitimidade dos educadores são fatores que emanam da família e estão altamente relacionados com o desempenho dos alunos. (CASTRO; REGATTIERI (org.), 2009, p. 19).

Aparentemente, quando os alunos obtêm um bom desempenho, se comportando e alcançando os resultados de acordo com o que se é esperado deles, tanto professores, quanto pais, se sentem participantes do sucesso do aluno; o que não se dá quando o aluno não possui um bom desempenho, isto ocasiona disputas entre os agentes (família-escola) sobre as responsabilidades do baixo desempenho desse aluno, ao invés de trabalharem juntos em busca de melhorar o desempenho deste:

Neste jogo de busca de culpados, a assimetria de poder entre profissionais da educação e familiares costuma pesar a favor dos educadores, principalmente quando temos, de um lado, os detentores de um saber técnico e, de outro, sujeitos de uma cultura iletrada. Novamente, se essas diferenças

são convertidas em desigualdade, a distância entre alguns tipos de famílias e as escolas que seus filhos frequentam se amplia. Podemos dizer que usar a assimetria de poder para transferir da escola para o aluno e sua família o peso do fracasso transforma pais, mães, professores, diretores e alunos em antagonistas, afastando estes últimos da garantia de seus direitos educacionais. (CASTRO; REGATTIERI (org.), 2009, p. 31).

A publicação em questão demonstra que há uma pequena parcela de iniciativas em estimular a relação família-escola no Brasil, e que grande parte dessas poucas iniciativas acabam se interrompendo, sendo projetadas apenas como eventos pontuais, onde encontram dificuldades de se tornarem consistentes a ponto de serem implementadas.

O estudo revela ainda que as ações voltadas à aproximação dos pais, geralmente envolvem aqueles pais que já se encontram inseridos no ambiente escolar, contando com a participação tão somente daqueles que já interagem com a escola, visto que grande parte das experiências relatadas não são vistas como um meio de conhecimento da realidade familiar, o que segundo Castro e Ragattieri (2009), pode auxiliar no planejamento dos professores, buscando inserir as famílias no apoio aos estudantes, mesmo quando estes não possuem condições ou tempo de fazê-lo.

Na cidade de Curitiba tem sido implementado o Programa comunidade-escola, que visa a participação efetiva da comunidade na escola. O programa busca repensar as formas de organização dos tempos e do espaço escolar, possuindo como objetivos:

- Oferecer às famílias do entorno escolar espaços alternativos para o desenvolvimento de habilidades e competências.
- Discutir as prioridades e as demandas da comunidade local, identificando possibilidades e potencialidades, contribuindo para a sua organização social.
- Valorizar o espaço escolar, ampliando a concepção de escola pública e democrática.
- Contribuir para o combate às sociopatias, tais como depressão, estresse, drogadição e distúrbios sociais, procurando reduzir os índices de violência contra a sociedade e a degradação dos espaços públicos, por meio de ações que possibilitem a conscientização sobre o papel do cidadão.

- Promover, em caráter permanente e continuado, a ampliação das ações socioeducativas para todas as faixas etárias.
- Contribuir para a melhoria da qualidade da educação, possibilitando o ingresso, o regresso e a permanência de crianças, jovens e adultos na escola, na tentativa de reduzir a sua exposição a situações de risco, desigualdades, discriminações e outras vulnerabilidades sociais.
- Possibilitar o acesso às tecnologias de informação e comunicação, favorecendo a inserção da comunidade local na sociedade do conhecimento. (CURITIBA, 2006, p. 18).

O diferencial do programa Comunidade-Escola se dá no fato dos espaços escolares serem abertos à comunidade nos finais de semana, sendo imprescindível que a escola trabalhe em conjunto com a comunidade de seu entorno para que o programa se efetive. Porém, o que se observa é que este programa não contempla a educação escolar, buscando desenvolver outras atividades socioeducativas, o que acaba, por muitas vezes, não estimulando que a participação dos pais ocorra de maneira efetiva.

Após essa breve apresentação de como a relação família escola tem sido abordada pela legislação, e pelas políticas e programas públicos, faz-se necessário apresentar a temática a partir de constatações levantadas a partir de pesquisas realizadas na área educacional.

Alguns autores (BHERING, 2003; BHERING E SIRAJ-BLASTCHFORD, 1999; CAVALCANTE, 1998; FERREIRA E MATURANO, 2002; FONSECA, 1999; POLONIA E DESSEN, 2005; RIBEIRO E ANDRADE, 2006) destacam que o relacionamento família-escola é de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo, servindo como suporte para o aprendizado.

Dentre esses autores, Fonseca (1999), a partir de revisão de literatura acerca da temática, defende que tanto a família quanto a escola podem ser responsáveis pelo processo de aquisição de conhecimento por parte do educando, bem como pelas dificuldades de aprendizado encontrada por este. Para o autor a família é o contexto

de socialização mais relevante para a criança, onde os pais podem influenciar diretamente no aprendizado, por meio das atitudes e valores que transmitem. Para ele:

o desenvolvimento da inteligência constitui-se num processo de troca entre o sujeito e o meio, sendo resultado da interação entre eles (construtivismo). A linguagem, por si só, não garante a formação de conhecimentos: há uma interdependência entre pensamento e linguagem. (FONSECA, 1999, p. 22).

Para que a criança desenvolva um aprendizado eficaz, esse autor defende que há a necessidade de uma valorização da relação entre família-aprendizagem-escola, onde a harmonia dessa relação resulta em um desenvolvimento satisfatório do educando.

Outras autoras que defendem a importância do relacionamento família-escola são Dessen e Polonia (2007), que estudaram o relacionamento entre família e escola e desenvolvimento do indivíduo. As autoras revelam, a partir de revisão de literatura, que Família e Escola constituem dois contextos de desenvolvimento cruciais para a história de vida das pessoas:

Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Para as autoras, cada um desses contextos contribui de maneira gradativa para a evolução do indivíduo, sendo necessário compreender as relações e inter-relações existentes entre família e escola, especialmente em relação às consequências da interação entre família e escola quanto ao desenvolvimento social

e cognitivo da criança, com vista a seu sucesso escolar. Segundo as autoras, é necessário estabelecer relações sólidas e concretas entre estes dois polos.

A família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer suas peculiaridades e também similaridades, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 29).

Dessen e Polonia (2007) sugerem ainda que as escolas passem a investir nas associações de pais e mestres, bem como no conselho escolar, visto que estes e outros espaços, possibilitam a participação dos pais, de modo que se busque uma articulação entre família, escola e comunidade, estreitando assim as relações já existentes. Sugerem ainda que sejam adotadas estratégias que permitam o acompanhamento dos pais nas atividades curriculares da escola, o que na perspectiva das autoras beneficia tanto a escola quanto a família.

Outros autores procuram evidenciar as dissonâncias presentes na relação entre família-escola. Dentre esses, Ribeiro e Andrade (2006), em estudo realizado com pais de alunos de 3ª e 4ª série de uma escola no interior de São Paulo, relataram que o relacionamento entre família e escola têm se baseado em dois clichês: O primeiro seriam as prescrições quanto aos deveres dos pais, e o segundo o discurso das famílias deficitárias. Observa-se nesses discursos que a escola atual tem um “ideal” quanto à participação dos pais, de modo que quando esta participação não se dá segundo o prescrito pelos agentes escolares, a ênfase recai sobre aqueles que “não o fazem”. Nesta concepção, as autoras sugerem que se busque conhecer a perspectiva dos pais quanto ao relacionamento família-escola:

Então, é importante repensar as prescrições quanto ao trabalho dos pais, pois parece ser a partir do contraponto entre a expectativa da escola, que muitas vezes já está internalizada por eles, e aquilo que efetivamente conseguem executar, que surgem algumas atitudes de desistência; e estas tendem a ser vistas pela escola como desleixo e irresponsabilidade, e frente a isto os pais não sabem como se defender. Nesta situação, a saída que se mostrou mais comum foi o aumento da pressão sobre o filho, através de ameaças e punições. E o resultado dessa atitude já se prevê: com o aumento da tensão na relação familiar, os filhos, em geral já acuados na escola, ficam com possibilidades ainda menores de se desenvolverem. (...) não se pode afirmar que a cobrança de auxílio dos pais nas tarefas seja relevante, uma vez que não parece determinar o sucesso dos filhos, além do que eles mostram grandes dificuldades e constrangimentos decorrentes dessa expectativa da escola. (RIBEIRO; ANDRADE, 2006, p.391).

Deste modo, podemos compreender a partir da citação a cima, que quando há uma cobrança excessiva por parte da escola em relação aos pais, muitos pais não conseguem realizar o que a escola deseja, e acabam por desistir de manter um relacionamento ativo com a escola de seus filhos. Esta desistência, por parte dos pais, gera um aumento de pressão sobre a criança, que muitas vezes já encontra dificuldades na escola. Este aumento de pressão, juntamente com as dificuldades que a criança possui resulta em menores possibilidades de se desenvolver e atingir os objetivos que o professor deseja.

Aparentemente há uma cobrança, por parte da escola, superior às atividades que grande parte dos pais conseguem cumprir. Percebemos que a maior proximidade entre pais e escola se dá no tocante a problemas comportamentais de alunos, seguido da entrega de resultado destes, deixando claro o que ressaltam Ribeiro e Andrade: “Apesar da participação dos pais na escola ser considerada atualmente como fundamental, ela parece estar sendo incentivada somente em termos da ajuda deles à escola” (RIBEIRO; ANDRADE, 2006, p.392).

Aproximado às constatações de Ribeiro e Andrade (2006) sobre as implicações na relação família-escola, em estudo com pais e professores da rede

pública de Belo Horizonte/MG, Bhering (2003) verificou que na percepção dos professores o apoio que se espera dos pais em relação ao aprendizado de seus filhos se limita a tão somente reforçar o trabalho que o professor realiza em sala. É solicitado que auxiliem as crianças nas atividades encaminhadas, e muitas vezes, os professores acabam estabelecendo barreiras quanto à participação dos pais nas questões escolares, não propiciando que esta participação ocorra de maneira efetiva.

Mas, apesar destas constatações, Bhering (2003) vê o envolvimento dos pais na escola como “um procedimento que pode levar a grandes melhorias não só da escola enquanto espaço físico como também como um espaço de interações essenciais para o desenvolvimento das crianças e profissionais” (p. 483), valorizando assim que esta interação ocorra de maneira efetiva.

Diferentemente do exposto por Bhering (2003) e Ribeiro e Andrade (2006), os autores Zanella, Nuernberg, Teixeira, Côrte e Silva (2008), que realizaram estudo de caso em uma escola pública de Florianópolis/SC visando uma melhora na participação dos pais na escola, desvelaram em seus estudos com famílias de 1ª à 4ª série, que existe uma contradição entre as expectativas, tanto por parte da escola quanto por parte da família. Verificaram que de maneira geral, a participação dos pais nas atividades da escola ocorre principalmente nas reuniões, por meio de convocações, sendo que a maioria dos pais responsabiliza a escola pelo processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A escola por sua vez acredita que os pais não têm muitas expectativas em relação ao ambiente escolar, mas, em contrapartida, almeja que os pais desempenhem um acompanhamento efetivo na vida escolar dos filhos. A partir dessas contradições, os autores buscam ressaltar que nem sempre é explicitado o que a escola espera destes pais, e muitas vezes, os próprios agentes educadores não

possuem clareza dessas expectativas, de modo que os pais passam a não ter consciência da importância de sua participação na escola, restringindo esta participação a uma finalidade, ou seja, comparecem a escola apenas quando há uma razão concreta para que isto ocorra.

Esta contradição, a respeito das expectativas por parte da família e da escola, também é abordada por Lima e Chapadeiro (2015), que a partir de estudos com pais e professores de uma escola municipal em Hortolândia/SP, puderam verificar que família e escola possuem percepções diferentes em relação a suas funções. As diferentes percepções, giram em torno de estabelecer um culpado para o insucesso escolar da criança, o que tende a gerar situações mútuas de acusações, tanto por parte da escola, quanto por parte da família, demonstrando assim, que há falhas e dificuldades na comunicação entre estes dois ambientes.

Ao que parece, embora se tenha um esforço em fazer a família participante do ambiente escolar, o quadro que se tem em muitas das escolas nos dias atuais, é que não há clareza do modo de atuação, tanto da família, quanto dos profissionais envolvidos no âmbito escolar, o que resulta em um jogo de culpas, onde ao invés de aproximar a família ao cotidiano escolar, acaba, por muitas vezes, afastando-as, não permitindo que se tenha uma parceria satisfatória entre família-escola.

Outra autora que segue uma linha de discussão de mão dupla é Perez (2010), que afirma que a relação entre família e escola se caracteriza por transferência de responsabilidades, onde a instituição familiar passa a atribuir responsabilidades à escola, e a escola a transferir responsabilidades à família, resultando em momentos de cobrança, ora da escola, ora da família, a respeito do comportamento e

desempenho escolar da criança. Ela ressalta a necessidade de cooperação quando sugere:

pensar a relação entre família e instituição escolar, sendo realizada dentro das possibilidades e das particularidades, pensada e efetivada de acordo com as necessidades de cada uma dessas instituições: escola e grupos de familiares. Assumindo, então, o valor da necessidade dessa relação entre família e escola, é possível fortalecer as ações de como esta deva ser desenvolvida. (PEREZ, 2010, p.3).

A autora ressalta ainda que não é possível estabelecer um procedimento único para que se tenha a implementação de diretrizes para a relação família-escola, pois não há um modelo único de comunicação dos pais e professores, não sendo possível definir uma referência de apoio familiar no tocante às questões escolares.

Aproximando a pesquisa de Perez (2010), outra autora que evidencia a colaboração entre pais e escola como potencial de melhorar o ambiente escolar, podendo transformar a experiência educacional dos alunos de maneira mais significativa, é Cavalcante (1998). A autora realizou um levantamento bibliográfico acerca das barreiras que se apresentam para que se alcance uma colaboração entre pais e escola, a partir de seus estudos aponta que há algumas barreiras para que se tenha uma colaboração entre família e escola: A falta de recursos (meios de transporte, trabalho e falta de creche para deixarem os filhos menores enquanto comparecem à escola), a dificuldade de comunicação com a escola, dificuldades relatadas pelos pais em compreenderem o funcionamento e a organização da escola.

Embora a autora mencione que pesquisas demonstrem que as crianças oriundas de famílias de baixa renda apresentam notas mais baixas, repetência e evasão escolar com mais frequência que alunos de classe média, a autora defende, todavia, que:

estes resultados não indicam, no entanto, que estes problemas sejam devidos somente a origem familiar destes alunos, mas indicam claramente que estes problemas são fruto de um sistema educacional que tem falhado em atender as necessidades reais de seus estudantes. (CAVALCANTE, 1998, p. 6).

A autora propõe que a escola, seus professores, pedagogos, diretores, psicólogos escolares e outros profissionais presentes, tenham as famílias dos alunos como aliados no processo educacional, sendo que somente através da valorização da família, e de parceria com estas, a escola poderá proporcionar uma educação mais relevante e significativa.

Saraiva e Wagner (2013), a partir de estudo de caso com pais e professores da rede pública de Porto Alegre/RS, destacam que há uma ideia errônea por parte dos agentes escolares, que acreditam que pais pertencentes a níveis socioeconômicos menos favorecidos não estejam preocupados com a vida escolar de seus filhos, e por isto apresentariam uma postura negligente e menos participativa. Porém, as autoras revelam que “não parece, portanto, haver um movimento da escola no sentido de compreender a realidade vivida por seus alunos e famílias” (SARAIVA; WAGNER, 2013, p.744).

Ainda sob a perspectiva dos níveis socioeconômicos presentes nas escolas, podemos constatar nos estudos de Oliveira e Araújo (2010), a predominância da ideia apresentada por Saraiva e Wagner (2013) e Cavalcante (1998). As autoras constataram, a partir de estudos teóricos, que “As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010, p. 102). Porém não se

observa mobilizações da escola em tornar as famílias pertencentes à sua realidade, bom como torná-las modelos desejáveis:

Nesse enfoque, as razões de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação família-escola e da ocorrência do fracasso escolar. Ganha *status* natural a crença de que uma “boa” dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores que, com algum conhecimento de psicologia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos. (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010, p. 102).

Segundo as autoras, a ideia de que as famílias bem estruturadas vão garantir alunos com bom desempenho passa a ser incorporada pelos professores e acaba por interferir diretamente na ótica que estes têm do aluno em sala, o que resulta em aumento da pressão sobre esse educando refletindo diretamente no desempenho deste.

Aparentemente são impostos limites, à família, no que diz respeito a questões próprias da escola, como se houvesse uma dificuldade da família em compreender o ambiente escolar. O que não ocorre em relação ao caminho inverso, onde a escola passa a ingerir em questões ocorridas no meio familiar:

À família são impostos limites para entrar em questões próprias da escola, como no campo pedagógico. Mas o mesmo parece não acontecer com a escola em relação à sua entrada na família, pois aquela acredita estar autorizada a penetrar nos problemas domésticos e a lidar com eles, além de se considerar apta a estabelecer os parâmetros para a participação e o envolvimento da família. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010, p. 104).

Para Augusto e Medeiros (2012), a interação entre família-escola encontra-se diretamente relacionada à qualidade do ensino. A partir de levantamento de periódicos, as autoras perceberam, que as questões socioeconômicas apresentadas

acima tendem a manter-se, não só na percepção dos profissionais da educação, bem como na visão dos próprios pais, que nas pesquisas consultadas, demonstram uma concepção de que “a classe média é quem sabe mais, sendo capaz de desenvolver melhor do que as classes populares menosprezando seus saberes e conhecimentos” (AUGUSTO; MEDEIROS, 2012, p.3). Para muitos pais, observa-se que uma educação de qualidade se encontra associada a esses fatores, enquanto outros pais consideram que uma educação de qualidade proceda de fatores internos como a estrutura da escola e o preparo dos professores, que contribuirão diretamente para o aprendizado da criança.

As autoras consideram ainda, que a participação dos pais nos deveres de casa influencia diretamente na qualidade do ensino. É como se os alunos que têm um acompanhamento por parte da família demonstrassem um rendimento melhor, embora considerem que a qualidade do ensino escolar dependa de todos os envolvidos, sejam pais, professores e demais agentes educadores. As autoras mencionam que o que se busca é uma educação de qualidade, e que essa qualidade na educação só é alcançada a partir de diálogos e entrosamento entre a família, os professores e gestores.

Reforçando a ideia de que a presença dos pais na escola é um fator elementar para um desempenho do educando, seja no quesito comportamento, ou desempenho de aprendizado, as autoras Bhering e Siraj-Blatchford (1999), a partir de estudo de caso com pais de Belo Horizonte/MG, veem esta interação como um componente importante para o desenvolvimento da escola de maneira ideal. Segundo as autoras:

O envolvimento dos pais não só contribui com todo o processo escolar (tudo que isso implica) como também contribui para uma melhoria dos ambientes

familiares (no sentido de provocar uma maior compreensão do processo de crescimento e, portanto, da aprendizagem das crianças) e eventualmente poderá influenciar positivamente o curso do desenvolvimento das crianças, como o rendimento escolar (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p. 192).

Na visão das autoras, quando a escola se abre para os pais o resultado obtido é uma mudança de atitude em relação à escola, tanto por parte dos pais, quanto das crianças.

No entanto, seu estudo demonstra que embora as escolas brasileiras procurem manter um contato com os pais, o que se percebe na realidade é que as formas e a frequência deste contato, muitas vezes, deixam a desejar. E, embora se tenha uma distinção, nem sempre clara, dos papéis e obrigações da família e da escola, há objetivos que são comuns a estas duas instituições, como:

Criar condições favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos comuns das duas instituições. Tanto uma quanto a outra influenciam e ajudam a determinar o curso da vida das crianças, razão pela qual a relação entre a escola e a família é vista como complementar e não como forças distintas e separadas (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p. 195).

Em resumo, a relação entre família e escola é considerada então, pelas as autoras, como complementar, onde independentemente da estrutura familiar, torna-se necessário pensar em como esta relação possa a vir ser desenvolvida.

Ao analisarem diferentes contextos educacionais, como o americano e europeu, Bhering e Siraj-Blatchford (1999) percebem que indiferentemente de sua localização, há alguns fatores, em relação aos pais, que são relevantes e comuns: grande parte dos pais auxiliam os filhos nas tarefas e atividades escolares, seja direta ou indiretamente, e quando não ajudam normalmente é devido a motivos maiores que os impossibilitem de auxiliá-los.

Bhering e Siraj-Blatchford (1999) mencionam ainda, em seus estudos, o que foi mencionado pela pesquisa de Resende e Silva (2016), sobre a tendência de que a interação entre família e escola se encontra mais presente nas séries iniciais. As autoras verificaram “que a relação entre pais e escola muda de acordo com o nível em que a criança está, a idade da criança, o grau de dificuldade/facilidade e a adaptação na escola” (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p. 200).

Para Bhering e Siraj-Blatchford (1999) os pais, de modo geral, precisam de alguma forma de preparo, informação e ajuda, a fim de que se sintam parte do processo escolar e do desenvolvimento dos filhos, para que possam compreender o sistema de ensino e seu funcionamento.

Aparentemente grande parte dos pais, por inúmeras questões, não se sentem participantes do processo escolar, e por mais que exista um esforço em atraí-los para junto da escola, muitas vezes a própria escola não se encontra preparada para inseri-los no ambiente escolar. Isto contribui para dificultar que se tenha uma interação entre família-escola de modo satisfatório.

A partir da revisão de literatura realizada observa-se que vários autores (BHERING, 2003; BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999; CAVALCANTE, 1998; DESSEN; POLONIA, 2007; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010; POLONIA; DESSEN, 2005) utilizam o quadro de Epstein, que foi criado para qualificar o modo que os professores americanos utilizavam para inserir os pais no processo escolar. Esse modelo apresenta cinco categorias que sintetizam a participação dos pais na escola de seus filhos. Embora o modelo não seja absoluto, o que se percebe é que as inúmeras e diferentes maneiras dos pais se envolverem na escola, podem ser enquadradas nessas categorias:

CINCO TIPOS DE ENVOLVIMENTO DE PAIS

Tipo 1. *Obrigações essenciais dos pais.* Reflete as ações e atitudes da família ligadas ao desenvolvimento integral da criança e à promoção da saúde, proteção e repertórios evolutivos. Além da capacidade de atender às demandas da criança, considerando sua etapa de desenvolvimento para inserção na escolarização formal, é tarefa da família criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento sistemático e orientações contínuas em relação aos hábitos de estudos e às tarefas escolares.

Tipo 2. *Obrigações essenciais da escola.* Retrata as diferentes formas e estratégias adotadas pela escola com o intuito de apresentar e discutir os tipos de programas existentes na escola e evidenciar os progressos da criança, em diferentes níveis, para os pais ou responsáveis. As formas de comunicação da escola com a família variam, incluindo desde mensagens, jornais, livretos, convites e boletins até observações na agenda do aluno. A explicitação das normas adotadas, do funcionamento geral da escola, dos métodos de ensino e de avaliação e a abertura de espaços, onde os pais possam participar ativamente e dar suas opiniões sobre estes temas, é estratégico.

Tipo 3. *Envolvimento dos pais em atividades de colaboração, na escola.* Refere-se à como os pais trabalham com a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais, atividades extracurriculares, etc. Este tipo de envolvimento visa auxiliar professores, orientadores, psicólogos, coordenadores e apoio pedagógico em suas atividades específicas, quer mediante ajuda direta, em sala de aula, quer na preparação de atividades ligadas às festas ou desfiles.

Tipo 4. *Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar, em casa.* Caracteriza-se pelo emprego de mecanismos e estratégias que os pais utilizam para acompanhar as tarefas escolares, agindo como tutores, monitores e /ou mediadores, atuando de forma independente ou sob a orientação do professor.

Tipo 5. *Envolvimento dos pais no projeto político da escola.* Reflete a participação efetiva dos pais na tomada de decisão quanto às metas e aos projetos da escola. Retrata os diferentes tipos de organização, desde o estabelecimento do colegiado e da associação de pais e mestres até intervenções na política local e regional. (EPSTEIN² *et al.*, 1986, *apud* POLONIA; DESSEN *et al.*, 2005, p. 307).

Para Bhering e Sijaj-Blastchford (1999), e Bhering (2003), o modelo de Epstein pode ser utilizado como ferramenta na compreensão do relacionamento entre pais-escola, como suporte para a implementação de programas que visem o envolvimento dos pais na escola de seus filhos.

² EPSTEIN, J. L. (1986). **Parents' reaction to teacher practices of parent involvement.** The Elementary School Journal, v. 86, p.277-294, 1986.

As autoras ressaltaram em seus estudos que apesar do modelo de Epstein ser útil para a compreensão dos relacionamentos pais/escolas, para que seja efetivamente implementado na sociedade brasileira é necessária padronização para a realidade local, visto que modelos oriundos de outras realidades, nem sempre preveem características e problemas oriundos de nossa sociedade.

Bhering e Siraj-Blatschford (1999), a partir das concepções de Epstein, mencionam o que vem a ser afirmado por Bhering (2003): quando as escolas buscam envolver os familiares dos alunos nas cinco categorias constantes no modelo de Epstein, há uma maior probabilidade dos pais tornarem-se participativos ao ambiente escolar. Para as autoras, segundo Epstein, os pais tendem a adaptar o ambiente familiar para que o educando desenvolva um aprendizado propício, além de buscar estreitar relações com a escola. Deste modo, a relação entre família-escola passa a se desenvolver de maneira satisfatória visando um desenvolvimento integral do educando.

Ao que tudo indica, a temática do relacionamento família-escola, embora seja um campo de pouca produção, tem sido estudada há algum tempo, demonstrando que há uma preocupação de como estimular a presença dos pais na escola, tornando-os participantes efetivos da realidade educacional.

Diante do quadro exposto, através de diferentes estudos e perspectivas acerca da temática família-escola, surge um desafio para pesquisadores e profissionais da educação, destacado por Oliveira e Araújo (2010):

o de modificar a relação família-escola no sentido de que ela possa ser associada a eventos positivos e agradáveis e que, efetivamente, contribua com os processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010, p. 107).

Observa-se que não há uma maneira única para que o relacionamento família-escola ocorra, há inúmeras dificuldades ainda presentes para que este relacionamento se efetive, sendo necessário que a escola se abra para a família, bem como uma conscientização de ambas as instituições. Compreender a visão que os pais possuem desta relação, assim como as dificuldades encontradas por estes na relação família-escola, tende a favorecer a busca por novas possibilidades para que essa relação ocorra, se ajustando as diferentes realidades familiares presentes no âmbito escolar.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso busca compreender a visão que as famílias de uma escola da região sul de Curitiba têm a respeito do relacionamento com a escola de seus filhos, bem como, quais as dificuldades encontradas para efetivar essa relação, e tem como objetivos investigar qual a visão que os pais possuem do relacionamento família-escola, conhecer as formas de participação dos pais na vida escolar dos filhos e desvelar quais são as dificuldades encontradas pelos pais na relação família-escola.

Para atingir estes objetivos foram realizadas as seguintes ações:

- 1) Levantamento bibliográfico de artigos que abordassem a temática da interação família escola.
- 2) Foram aplicados questionários semiabertos (Anexo 1) aos pais de alunos de uma escola pública municipal da região sul de Curitiba, que atende alunos do pré ao 5º ano;
- 3) Consultas ao Regimento Escolar, e ao Projeto Político Pedagógico da escola, buscando compreender como estes pais são vislumbrados nos documentos escolares.

Os questionários que foram aplicados aos pais, continham 16 questões, abertas e fechadas. Responderam ao questionário 52 pais de 1º, 3º e 5º anos, que estavam presentes nas reuniões realizadas ao término do segundo semestre, a

escolha dessas séries se deu em função de: no 1º ano a criança iniciar sua trajetória escolar, sendo muitas vezes o primeiro contato desta e de seus familiares com a instituição. O 3º ano foi escolhido, pois é quando se termina o primeiro ciclo, sendo que há a possibilidade de reprovação, o que até então não ocorria nos anos anteriores, visto que a escola trabalha com ciclos. E a escolha do 5º ano, se deu em função de que é o momento em que esta criança deixa a escola da primeira etapa do ensino fundamental, ingressando em outro sistema de ensino no ano seguinte.

A aplicação dos questionários foi feita durante as reuniões de pais e professores para entrega dos resultados do segundo trimestre, ocorridas no início do mês de setembro de 2016. Cada turma realiza a reunião em um dia distinto, utilizando o dia da permanência da professora regente, o que propiciou que estivéssemos presentes nas reuniões de todas as turmas mencionadas.

A reunião do 1º ano ocorreu na segunda-feira no período da manhã, ao iniciar as aulas dos alunos, contando com a participação de 22 pais ou responsáveis, sendo que somente 20 destes responderam ao questionário. A reunião do 3º ano ocorreu no período da tarde, também no início das aulas dos alunos, e contou com a presença de 16 pais ou responsáveis, que responderam ao questionário. A reunião do 5º ano aconteceu na quinta-feira pela manhã, e assim como as demais aconteceu no início das aulas dos alunos, contando com a participação de 16 pais ou responsáveis, que responderam ao questionário.

Ao indagar as professoras das turmas mencionadas, qual o motivo das reuniões se realizarem neste horário, todas foram unânimes em afirmar que a escolha do horário leva em conta que os pais já se encaminham para levar seus filhos à escola, não sendo necessário então que retornem em outro momento. Durante os dias que

estive presente para a aplicação dos questionários verifiquei que outras turmas optam por realizar a reunião em outro momento, como por exemplo próximo ao horário da saída dos alunos, o que significa que não há um horário padronizado pela escola para que essas reuniões ocorram, ficando a critério dos professores de cada turma a flexibilização de horários para a realidade dos pais de seus alunos.

No intuito de compreender as interações desse pais com a escola em questão, apresentamos a análise dos dados obtidos a partir das respostas aos questionários, e da consulta aos documentos escolares, a seguir.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a escola caminha em busca da equidade social, a partir dos objetivos de garantir o acesso e a permanência do aluno na escola, na busca de melhor qualidade do processo ensino-aprendizagem, afim de criar um ambiente físico agradável, saudável, e organizado, sendo um dos objetivos principais da escola, **envolver família e comunidade** na gestão e na vida da escola.

Percebemos que, segundo o PPP, a articulação entre pais, escola e comunidade é considerado um desafio a ser superado pela escola. Mas, embora se observe em dois trechos distintos do PPP a presença desse desafio, não se apresentam, neste, possibilidades de aproximação entre família e escola.

Tendo em vista que efetivar a relação com os pais é considerado um desafio para a escola, os questionários aplicados aos pais, procuraram compreender como tem ocorrido aproximações entre família e escola, bem como, averiguar se há possibilidades, e sugestões, para que esse desafio possa ser superado gradativamente na prática.

Resende e Silva (2016), como mencionamos anteriormente, revelam-nos que a partir do momento em que é realizada a matrícula da criança, inicia-se uma relação entre a família e a escola, que estará presente no correr da trajetória escolar desta. Um dos meios de fortalecer esta relação é através das reuniões de pais, que cumpre, ainda, com a obrigatoriedade da escola, posta a partir da LDB (1996), de manter os

pais informados sobre o desempenho do aluno. Sendo assim, compreende-se que a participação dos pais nesses momentos de reuniões faz-se necessário, sendo vislumbrada como importante.

Nesse sentido, com base nos questionários aplicados aos pais, pode-se observar que há predominância da participação de mães nas reuniões (Gráfico 1), sendo um número reduzido de pais que estiveram presentes, e em alguns poucos casos a presença na reunião se deu pelos avós ou irmãos:

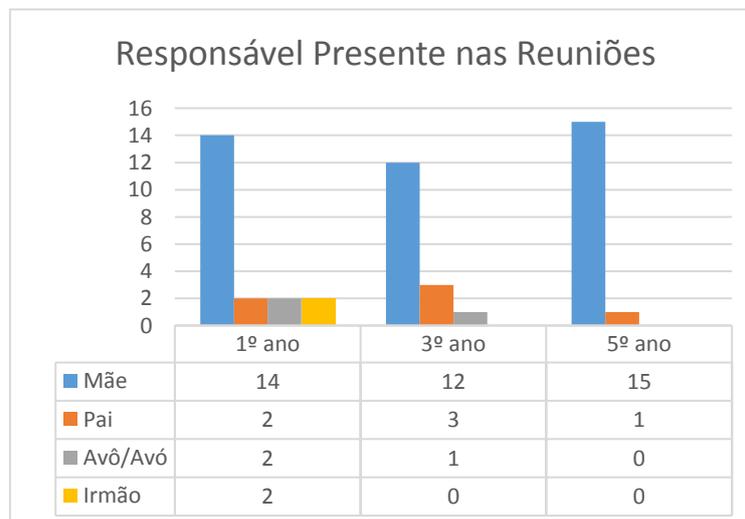


Gráfico 1: Relação do responsável pelo aluno que se fez presente na reunião, e respondeu ao questionário

Segundo Bhering e Siraj-Blatchford (1999), há uma tendência da predominância de mães nas reuniões escolares, o que reflete a presença de um padrão tradicional “no qual as mães são as responsáveis pela orientação das crianças, quanto se trata de assuntos escolares” (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 199, p. 198).

Dos responsáveis que responderam ao questionário, considerando os pais e responsáveis das três turmas, observa-se que a maioria destes procuram estar

presentes nas reuniões e eventos que ocorrem na escola (Gráfico 2), sendo que todos os respondentes acreditam que a participação nas reuniões de pais e professores é importante.

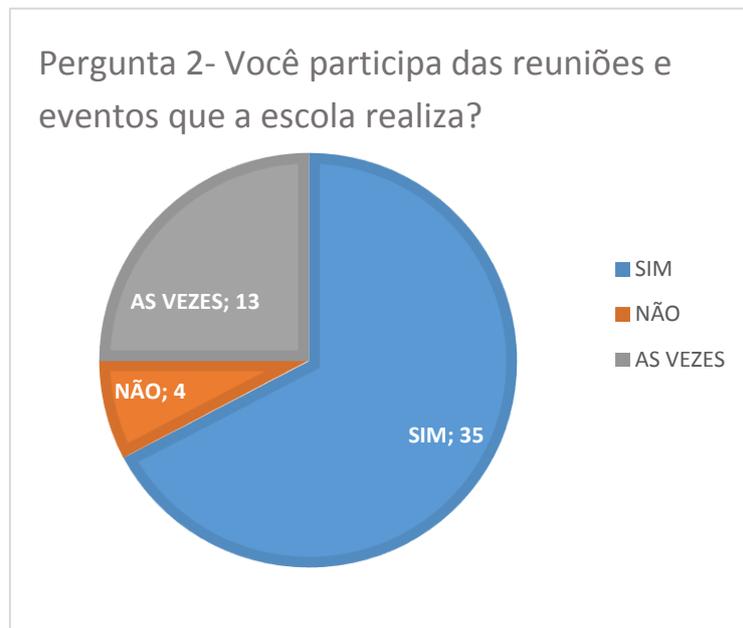


Gráfico 2: Como se dá a participação efetiva dos responsáveis nas reuniões e eventos que a escola realiza

Alguns desses pais ressaltam o porquê veem este momento de reunião como importante: “nas reuniões a gente sempre fica por dentro do que está acontecendo na escola” (responsável 5º ano), “é muito importante para acompanharmos o aprendizado e o desenvolvimento deles (os alunos) na escola” (responsável 5º ano), “somente assim posso saber o desempenho do meu filho” (responsável 5º ano), todas as respostas caminham na ênfase de estar presente nesse momento, um dos pais ainda menciona que “é preciso esse caminhar juntos de família e escola” (responsável 3º ano).

De acordo com as respostas apresentadas, considerando o Regimento da Escola, no art. 30, da seção II, onde consta que aos docentes cabe a responsabilidade

de manter os pais sempre atualizados sobre o andamento da vida escolar dos alunos, o que também é defendido pela LDB em seu artigo 12º, pode-se supor que tem ocorrido uma falha nessa “atualização”. Se os pais consideram que o momento das reuniões é o momento que podem se manter informados sobre o desempenho escolar de seus filhos, cabe a nós indagarmos o que tem ocorrido no caminho de “manter os pais informados sobre a vida escolar de seus filhos”, visto que reuniões a cada final de trimestre, pode ser considerado como um tempo distante para se manter atualizado sobre os desempenhos adquiridos pelos alunos. Como resposta a este questionamento, verificamos, segundo Resende e Silva (2016), que o contato entre família e escola muitas vezes acaba se restringindo a entrega de boletins e resultados.

Segundo as respostas dadas aos questionários, pode-se observar ainda que, grande parte dos responsáveis participantes apontam que não encontram dificuldades de estarem presentes nas reuniões (Gráfico 3), mesmo que estas sejam realizadas em horário de aula, o que significa que ocorre em horário comercial. Apenas dois pais do 1º ano, cinco pais do 3º e dois pais do 5º ano mencionam encontrar dificuldades de comparecer às reuniões. Os que mencionam encontrar dificuldades em comparecer às reuniões, justificam esta dificuldade por motivos de trabalho, apontando respostas como: “participo sempre que posso, mas os horários coincidem com o trabalho, por isso fica difícil” (responsável 5º ano), “encontro dificuldades principalmente quando são realizadas durante a semana, mas quando não posso comparecer peço para que o avô venha em meu lugar” (responsável 5º ano); um dos responsáveis sugere ainda que as reuniões fossem realizadas aos sábados: “às vezes encontro dificuldades, pois os horários não coincidem, de repente seria melhor se as reuniões fossem aos sábados” (responsável 5º ano).

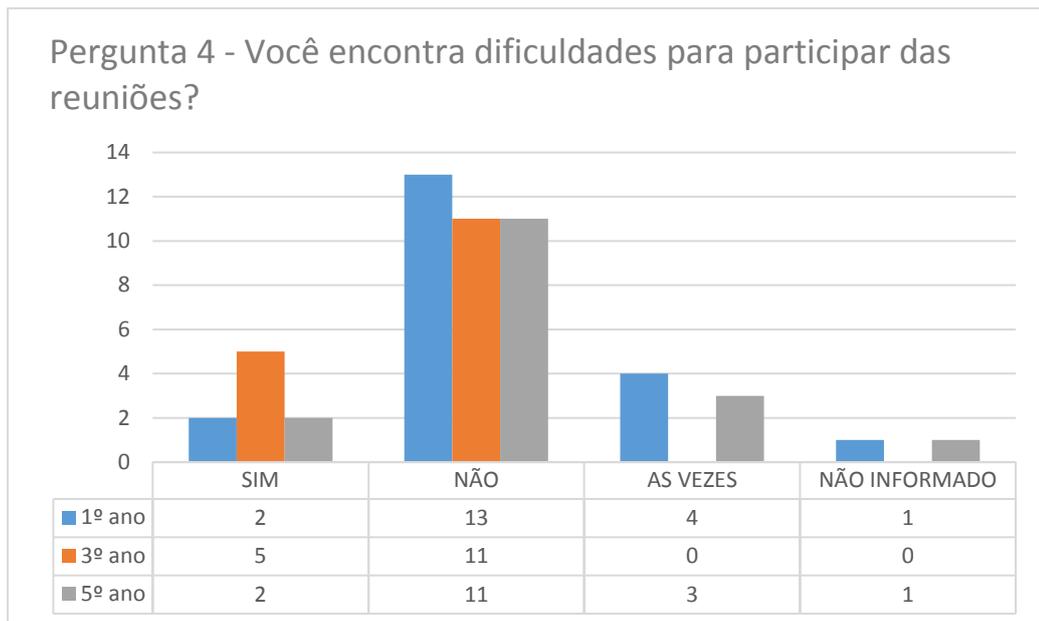


Gráfico 3: Posicionamento dos responsáveis sobre encontrarem dificuldades de participarem nas reuniões realizadas pela escola.

Se refletirmos sobre o que a escola tem esperado dos pais em relação ao acompanhamento da vida escolar das crianças, observamos que alguns autores mencionados anteriormente (RIBEIRO; ANDRADE, 2006; BHERING, 2003; BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999) apontam que a postura da escola em relação aos pais, em grande parte se restringe a exigir que estes reforcem o trabalho desenvolvido pelos professores com os alunos em sala, sendo que a interação da família com a escola passa a ser caracterizada pelo acompanhamento indireto dos pais ao trabalho realizado na escola.

Neste sentido, no intuito de conhecer como ocorre o acompanhamento por parte dos pais que responderam ao questionário, no cotidiano escolar de seus filhos, uma das questões apontou algumas alternativas (Gráfico 4), solicitando que os pais assinalassem as ações desenvolvidas em relação a vida escolar de seus filhos: “ver os cadernos diariamente”, “perguntar para seu filho como foi o dia na escola”,

“conversar com a professora regularmente”, “acompanhar seu filho nas tarefas para casa”, “incentivar a importância de estudar”, “outras” ou “nenhuma”; destas opções os pais poderiam estar assinalando mais de uma alternativa, indicando quais ações que são realizadas por eles. Apenas um responsável, da turma de 1º ano, afirma que não realiza nenhuma das alternativas, justificando pelo fato de ter que trabalhar e estudar, o que não possibilita que tenha tempo hábil para um acompanhamento do cotidiano escolar da criança através das ações mencionadas. Os demais responsáveis, apontam realizar pelo menos duas das alternativas apresentadas:

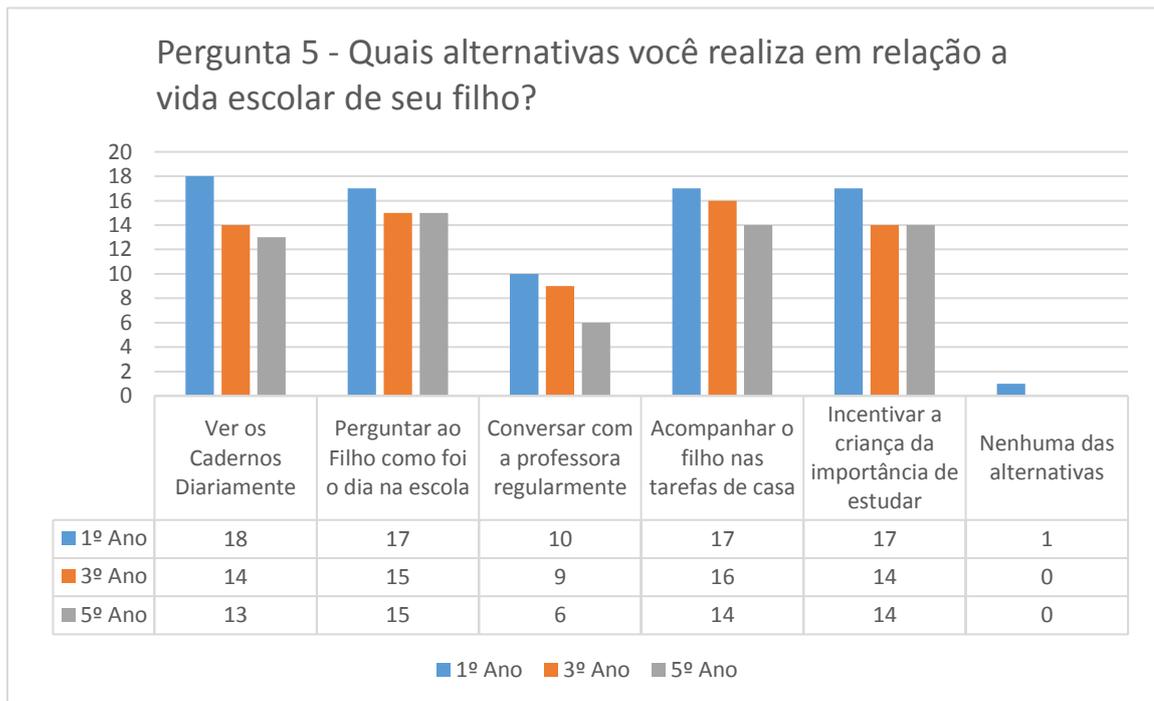


Gráfico 4: Atitudes que os pais apontam desenvolverem, no sentido de acompanhar o cotidiano escolar dos filhos.

Com base nessas respostas, pode-se compreender que conforme a série em que a criança se encontra as ações priorizadas se diferem. Dos pais do 1º ano que responderam ao questionário, dezoito mencionam que verificam os cadernos de seus filhos diariamente, esta é a alternativa que recebeu maiores indicações pelos pais de

1º ano. Em relação aos pais do 3º ano, a alternativa que recebeu maiores apontamentos é a de acompanhar os filhos nas tarefas para casa. Nas respostas dos pais do 5º ano, verifica-se que a ação predominante, dentre as alternativas, é a de perguntar ao filho como foi o dia na escola, supondo que as crianças maiores já possuem uma maior autonomia, não dependendo de um acompanhamento mais direto por parte dos pais. Tal constatação vêm de encontro ao mencionado por Resende e Silva (2016), e Bhering e Siraj-Blatford (1999), que relatam em seus estudos que o acompanhamento dos pais tende a diminuir com a progressão gradual do educando, bem como o modo de se relacionar com a escola, que também se modifica conforme a criança atinge as séries seguintes.

Entretanto, o acompanhamento dos pais no cotidiano escolar da criança, se evidencia quando quarenta e um (78,8%), dos cinquenta e dois pais respondentes, afirmam, em suas respostas, auxiliar os filhos nos deveres de casa (Gráfico 5). Apenas cinco pais (9,6%), mencionam que não auxiliam os filhos nos deveres de casa, mas não justificaram os motivos que não o realizam. Os outros seis pais (11,5%) apontam que auxiliam os filhos apenas quando estes apresentam dificuldades, e solicitam auxílio.

Percebe-se que há uma tendência dos pais se sentirem participantes da escolarização das crianças ao auxiliarem estas nas atividades para casa. A partir das respostas dos pais aos questionários, pode-se constatar o que mencionam Bhering e Siraj-Blatford (1999), que quando os pais não auxiliam os filhos nas atividades escolares, seja direta ou indiretamente, é devido a motivos que realmente os impossibilitem de estarem auxiliando-os nesse momento.

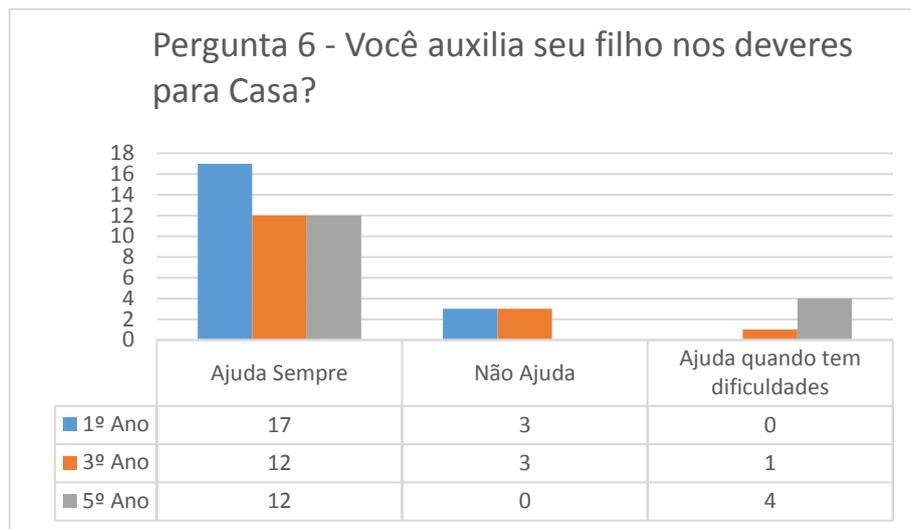


Gráfico 5: Como se dá o auxílio do responsáveis em relação aos deveres para casa

Para a realização dessas atividades que são encaminhadas para casa, apenas um dos pais entrevistados disse que seu filho possui um “canto”, com sua própria mesa e cadeira para estudar, e realizar os deveres, os demais pais mencionam diferentes ambientes para a realização da tarefa de casa, como: quarto, sala e cozinha.

Perguntamos, ainda, aos pais como consideram sua participação na escola (Gráfico 6), em resposta, vinte e dois pais (42,3%), do total de pais que responderam ao questionário nas três turmas, consideram possuir uma boa participação. Oito pais (15,3%) consideram que participam regularmente, um deles ainda menciona: “minha participação não é ótima, mas também não é ruim, por isso é regular”. Dos pais que responderam ao questionário, Treze (25%) veem sua participação como importante e se consideram participativo, os outros nove (17,4%) optaram por não responder a esta questão.

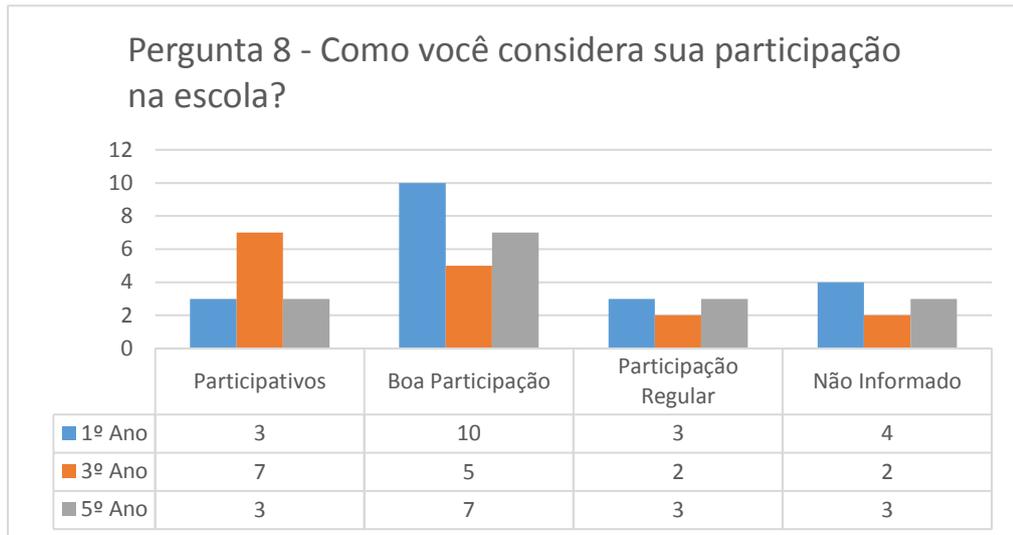


Gráfico 6: Como os responsáveis consideram sua participação na escola

Através destas respostas, compreende-se que os próprios pais demonstram acreditar que há algo a ser melhorado na relação família-escola, porém não há uma percepção do que possa ser realizado para melhorar este entrosamento.

A este respeito, Zanella, Nuernberg, Teixeira, Côrte e Silva (2008) relatam que há uma contradição entre as expectativas da família e da escola, sendo que nem sempre há uma clareza, aos familiares dos alunos, sobre o que é esperado deles.

Perguntamos, ainda, aos pais se seus filhos encontram dificuldades de realização das atividades escolares (Gráfico 7) e, se essas existem, quais seriam as razões atribuídas a existência dessas dificuldades. Em resposta, dezenove pais (36,5%) mencionam que seus filhos encontram poucas dificuldades, e dois pais (3,8%) indicam que seus filhos encontram muita dificuldade, os outros pais acreditam que seus filhos não possuem dificuldades, ou não opinaram na questão. As dificuldades encontradas pelos alunos, apontadas pelos pais, são em sua maioria em compreensão de texto e leitura, que é apontada por doze pais (23,7%), um dos pais chega a mencionar: “algumas atividades aparecem confusas” (responsável 3º ano).

Esta dificuldade se segue pelas dificuldades encontradas pelos alunos em cálculos, o que é apontado por três pais (5,7%). Muitos pais respondentes aos questionários não quiseram apontar quais as dificuldades apresentadas por seus filhos.

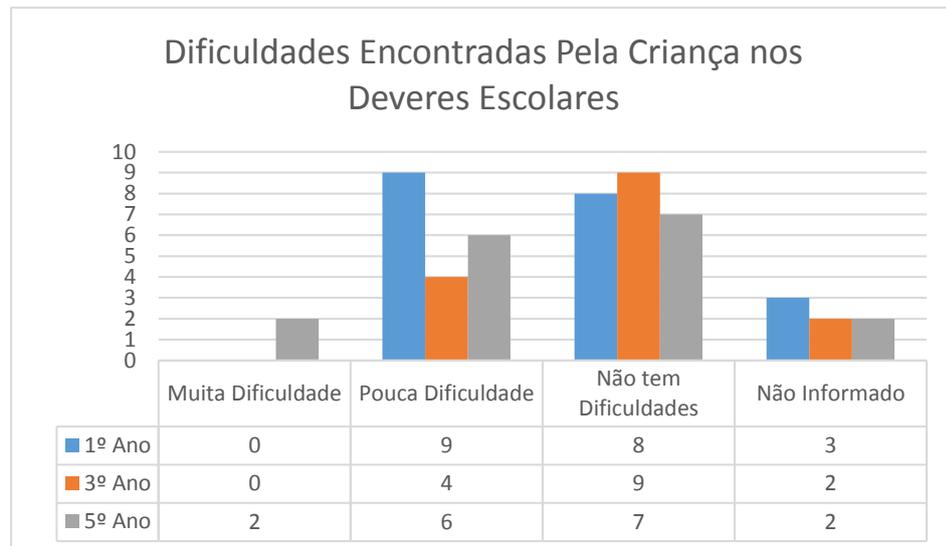


Gráfico 7: Níveis de dificuldades encontradas pelas crianças, apontadas pelos responsáveis, nas atividades da escola

Sobre as razões que podem ser a causa dessas dificuldades, treze pais (25%) apontam a falta de atenção como uma das razões, esta é a razão que possui maior apontamento pelos pais. Na sequência, outra razão apontada por quatro pais (7,6%) é a falta de maturidade da criança, alguns pais mencionam: “acho que o método da escola as vezes é meio confuso, e algumas crianças encontram dificuldades na alfabetização” (responsável 3º ano), “acho muito cedo criança prematura para enfrentar essa responsabilidade” (responsável 1º ano), “acho que as vezes o nosso ponto de vista como adultos é diferente, e não sabemos interpretar o que a professora quer” (responsável 5º ano).

Compreende-se, a partir das respostas, que diferentemente do que é exposto por Perez (2010), que percebeu a relação entre família e escola como transferências de responsabilidades, os pais que participaram da pesquisa através dos questionários, não tendem a culpabilizar os profissionais da escola pelas dificuldades encontradas pela criança. Porém, percebe-se que os responsáveis, acabam transferindo para a própria criança a responsabilidade do seu insucesso escolar, o que também foi constatado nos estudos de Ribeiro e Andrade (2006). Estes mencionam que ao transferirem a responsabilidade do desempenho escolar para a criança, gera-se um aumento de pressão sobre esta, que por fim encontra dificuldades em atingir o que se espera dela.

Indagamos, também, aos pais, se estes possuem ciência das atividades que a escola oferece no período de contra turno, com ênfase a auxiliar nas dificuldades encontradas pelas crianças, quanto ao aprendizado. Dezoito dos pais (34,6%) que responderam ao questionário desconhecem as atividades que a escola oferece; dezoito pais (34,6%) mencionam ter conhecimento das atividades oferecidas em contra turno, sendo que destes, cinco pais afirmam ter seus filhos participantes dessas atividades. Os demais pais (30,8%) não informaram se conhecem, ou desconhecem, as atividades oferecidas pela escola em contra turno.

Ainda sobre o modo que esses pais interagem com a escola de seus filhos (Gráfico 8), cinco pais (9,6%) mencionam que não interagem com a escola, de modo que comparecem apenas quando lhes é solicitado; treze pais (25%) caracterizam sua interação com a escola como boa, porém sem detalhar a respeito de como esta interação ocorre:

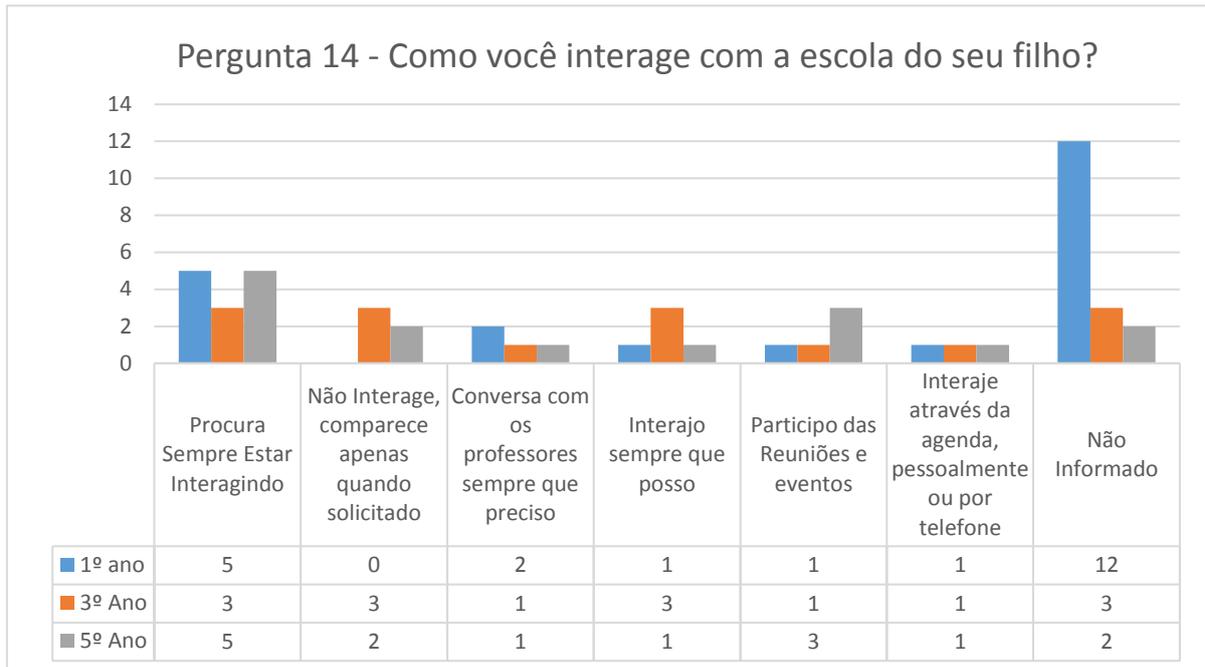


Gráfico 8: Como os pais informam interagir com a escola de seus filhos

Neste sentido, podemos retomar os patamares de interação dos pais com a escola relatados por Resende e Silva (2016), mencionados anteriormente. Verifica-se que, com base na LDB, é esperado que os pais participem ativamente na gestão escolar, sendo que a participação dos pais na gestão da escola é considerada como um dos meios dos pais manterem um relacionamento com a escola de seus filhos. Deste modo, os respondentes ao questionário foram indagados se já fizeram parte do Conselho da Escola ou da Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF). Do total de pais respondentes, considerando as três turmas, apenas cinco pais (9,6%) apontam que já fizeram, ou ainda fazem, parte da APPF. Vinte e sete pais (51,9%) apontam que nunca participaram, sendo que um desses, em resposta, menciona: “não, por falta de tempo, sempre é final de semana e trabalho neste dia”, esta resposta nos leva ao questionamento se estes pais sabem como ocorre, ou para que serve estas instâncias da escola? Outro apontamento que levanta indagações nas respostas, é o fato de vinte pais (34,6%) mencionarem que desconhecem o Conselho

Escolar ou a APPF, nos levando a questionar como têm atuado estas instancias na escola? Como tem ocorrido o diálogo entre os representantes de pais e seus representados?

As autoras Polonia e Dessen (2007), fazem uma sugestão em seus estudos, que pode ser incorporada pela escola base deste trabalho: investir nas associações de pais e mestres, procurando apresentar aos pais pertencentes ao meio escolar sobre a importância, e o modo que podem auxiliar a escola através da participação nestas instâncias. O que pode resultar, conseqüentemente, em uma ciência maior dos pais sobre como pode ocorrer a participação deles nestes órgãos colegiados.

A partir dos questionários, procuramos, ainda, realizar uma sondagem sobre o que os pais consideram que poderia ser realizado para melhorar o relacionamento que mantêm com a escola de seus filhos (Gráfico 9):

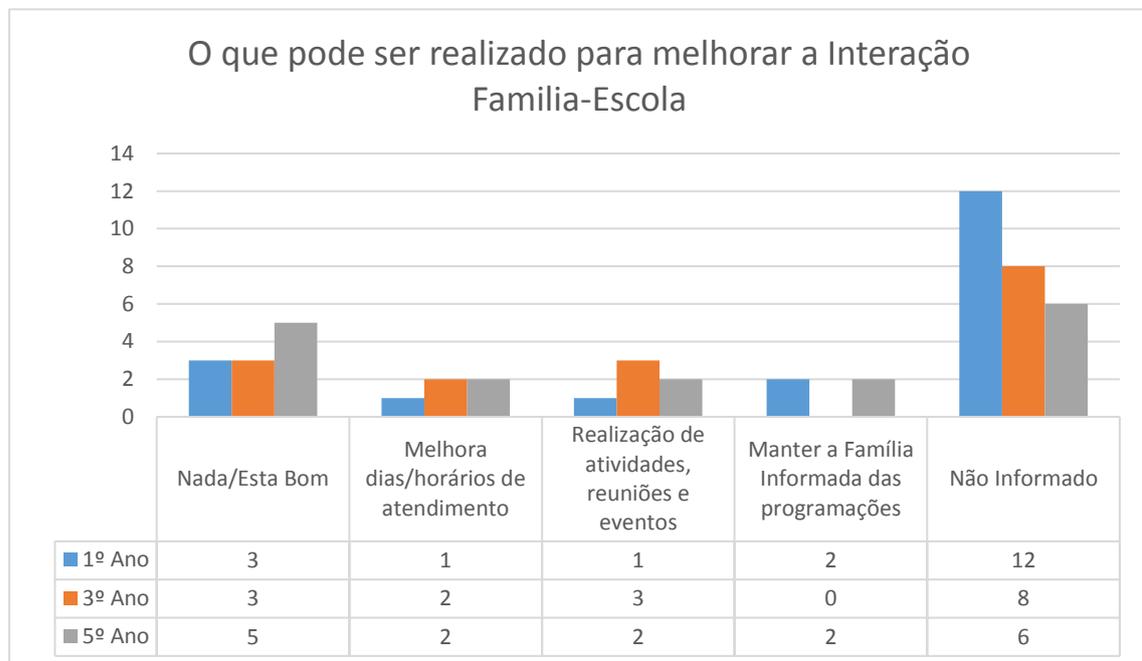


Gráfico 9: O que os responsáveis consideram que pode ser feito para melhorar a relação entre escola e família

Percebemos que, de modo geral, grande parte dos pais consideram que há positivities no modo em que esta relação tem ocorrido, sendo que apenas cinco pessoas (9,6%) responderam que seria interessante, para melhorar esta relação, considerar oportunizar outro momento de atendimento aos pais, considerando que estes encontram dificuldades para se fazer presentes nas reuniões que, em grande parte, ocorre em horário comercial. Uma parcela de seis pais (11,5%), consideram que esta relação pode ser reforçada com a realização de atividades, reuniões e eventos que possibilitem aos pais se aproximarem ao ambiente escolar, proporcionando atividades que promovam uma integração entre pais-filho-escola. Uma parcela de quatro pais (7,6%), dos pais que responderam ao questionário, informam que encontram dificuldades em se manterem informados sobre as programações que ocorrem, e sugerem que se viabilizem meios de manter a família sempre informadas da programação a ser realizada pela escola. Em contrapartida, a escola afirma, através de conversas informais com professores e direção, que tem procurado manter os pais sempre informados das diferentes programações, sendo que há um calendário anual na agenda, aonde se apresentam os principais eventos a serem realizados durante o ano. Quando há reuniões o informe é realizado por meio de bilhetes, o que também ocorre quando há necessidade de atendimentos individualizados aos pais. Há ainda a informação de que quando há programações ou eventos que envolvam a comunidade, sempre é colocado faixas ou cartazes que convidem a comunidade a participar, e se envolverem nas programações da escola.

Pode-se supor, então, que há uma dificuldade de comunicação entre esses dois ambientes, por um lado nos deparamos com pais que alegam não receber as informações, quando de outro lado há uma escola que afirma buscar constantemente

apresentar formas para que este relacionamento de fato ocorra. Fazendo-se necessário pensar alternativas que estejam viabilizando uma comunicação efetiva entre estes dois ambientes: família e escola.

No decorrer da busca bibliográfica para a realização deste trabalho, observamos que, segundo alguns autores (CÔRTE; SILVA, 2008; RIBEIRO; ANDRADE, 2006; ZANELLA; NUERNBERG; TEIXEIRA; LIMA; CHAPADEIRO, 2015), muitas vezes a escola tende a cobrar demasiadamente aos pais, explicitando as contradições existentes nas expectativas que tanto família, quanto escola, possuem.

A partir dessas considerações da bibliografia, perguntamos aos pais o que acreditam que os professores esperam deles enquanto responsáveis pelos alunos. As respostas dos pais a essa pergunta demonstram que estes acreditam ser esperadas deles diferentes ações, conforme apresentadas nos quadros 1 (1º ano), 2 (3º ano) e 3 (5º ano). As diferentes ações mencionadas pelos pais revelam que, de modo geral, acredita-se que estes devam apresentar um mesmo objetivo em comum: a Participação.

As respostas giram em torno de ações como: estar atentos, presentes e participativos; incentivar os filhos a estudarem; acompanharem os filhos nas lições de casa; comparecer à escola sempre que lhes for solicitado e dar uma boa educação a seus filhos.

Alguns exemplos de respostas dos pais a esse questionamento: “esperam educação, respeito, que são valores que trazemos de casa, aprendemos com os pais” (responsável 5º ano); “eu tenho que ser um bom responsável, e ter boa índole” (responsável 3º ano); “tudo! Porque a educação vem de casa, e quando fazemos tudo que eles esperam podemos interagir junto com os professores” (responsável 5º ano).

Quadro 1 - Pais do 1º Ano: O que estes pais acreditam que os professores esperam destes enquanto responsáveis pelo aluno

Atitudes que os pais do 1º Ano acreditam que os professores esperam deles	Número de respondentes
Que seja responsável e colabore com o professor educando “meu” filho	3
Mais Participação e ajudar sempre nos deveres de casa	2
Um bom acompanhamento	1
Que ensine pelo menos o básico em casa	1
Esforço	1
Ajudar o filho	1
Muita Coisa	1
Não Respondeu	10

Quadro 2 - Pais do 3º Ano: O que estes pais acreditam que os professores esperam destes enquanto responsáveis pelo aluno

Atitudes que os pais do 3º Ano acreditam que os professores esperam deles	Número de respondentes
Que eu faça a minha parte em casa, como cobrar os estudos	2
Participação/ ser uma mãe/pai presente e parceiro	2
O melhor para o meu filho	2
Que eduquemos e orientemos da melhor maneira possível	1
Que ajude nos deveres e no que precisar	1
Que os pais fiquem atentos com os filhos	1
Que os pais participem junto com os filhos na aprendizagem	1
Mais desempenho perante os seus filhos	1
Que eu possa acompanhar melhor o desempenho do meu filho	1
Responsabilidade, atenção, respeito	1
Não Respondeu	2

Quadro 3 - Pais do 5º Ano: O que estes pais acreditam que os professores esperam destes enquanto responsáveis pelo aluno

Atitudes que os pais do 5º Ano acreditam que os professores esperam deles	Número de respondentes
Que eu incentive meu filho a estudar, acompanhar nas lições de casa e vir sempre que solicitado	3
Participação na escola e em casa, sempre orientando e ajudando no que for preciso	1
Educação e respeito, isso são valores que trazemos de casa, e são aprendidos com os pais	1
Responsabilidade na educação, boa índole e faça nossos deveres como pais	1
Que ajude eles na educação, que faça minha parte como responsável	1
Que sejamos presentes	4
Tudo, porque a educação vem de casa, sendo assim podemos interagir juntos com os professores	1
Ser uma boa/bom responsável	1
O máximo de mim	1
Não Respondeu	10

A partir das respostas apresentadas pelos pais, observa-se que embora a autores que defendam que a participação dos pais na vida escolar da criança ocorra de maneira mais efetiva nas séries iniciais (RESENDE E SILVA, 2016; RIBEIRO; ANDRADE, 2006), há ações consideradas pelos pais das três turmas, como por exemplo o auxílio nos deveres de casa.

O fato de muitos pais não apresentarem resposta a esse questionamento, demonstra o que Zanella, Nuernber, Teixeira, Côrte e Silva (2008) mencionam em seus estudos, que muitos pais não têm ciência do que a escola espera deles, encontrando dificuldades de cumprir com as expectativas que a escola deposita sobre eles.

Estas respostas nos levam a pressupor que há a existência de uma prescrição, que parte do senso comum, do que se deve ser realizado pela família e

suas atribuições, sendo que há uma cobrança desses próprios pais, sobre o que realizam em relação a seus filhos. Pode-se supor que esta é uma visão que se encontra introjetada nas famílias, sendo um ideal de participação familiar refletido na sociedade, durante as gerações. São cobranças que ocorreram nos seus pais, sendo refletidas nos pais atuais. Esta ideia, se ressalta, quando percebemos as respostas a um dos questionários, onde um dos pais responde que há um “medo dos pais de errar, cobrando algo que não seja necessário para a idade” da criança (responsável 1º ano).

Deste modo, faz-se necessário pensar como a escola têm agido com os pais que nela se encontram inseridos, buscando assim compreender a realidade das famílias que nela se encontram.

CONCLUSÃO

Ao longo da realização deste trabalho buscamos compreender os limites presentes na relação família-escola, bem como verificar o modo que esta relação tem se efetivado, e qual a visão que os pais possuem desta relação. Para tanto, foi realizado uma busca bibliográfica de autores que abordam a temática, além de um estudo de caso, realizado através de questionários, com 52 pais de uma escola pública da região sul de Curitiba.

A partir dos dados coletados pode-se compreender que a relação entre família e escola se depara, ainda, com algumas limitações, o que dificulta com que esta relação ocorra de maneira efetiva. É necessário, então, buscar compreender melhor as particularidades das famílias atendidas pela escola, afim de não apresentar a estas cobranças que sejam além das possibilidades de realização desses pais.

Os pais que participaram, respondendo aos questionários aplicados para a realização deste trabalho, levam-nos a supor que há um estereótipo sobre o papel desempenhado pela família na relação família-escola-aprendizagem, aonde os pais procuram se encaixar num modelo familiar que ainda é idealizado por grande parte das escolas. Percebe-se que os próprios pais tendem a exercer cobrança de suas atitudes e realizações de atividades de acompanhamento escolar na vida dos filhos.

A escola utilizada como base para a pesquisa, para a realização deste trabalho, de acordo com o que fora apresentado nas respostas dos pais, tem procurado incentivar, e apoiar o relacionamento com as famílias. Entretanto, compreendeu-se que há a necessidade de conscientizar as famílias sobre a importância de participarem ativamente da escola, pois ainda é apresentado dificuldades quanto a participação destes nos órgãos colegiados da escola.

O que se observa, então, é que a participação dos pais no ambiente escolar, em sua maioria, se restringe a reuniões, e ocasionalmente festas e eventos. Mas que de maneira geral, os pais procuram manter-se presentes, demonstrando acreditarem que manter um relacionamento efetivo com a escola de seus filhos possa contribuir significativamente para a formação destes, avaliando a relação que mentem com a escola base, como positiva.

As possibilidades de pesquisas nesta temática não se esgotam aqui, de modo que deixo minha sugestão para que a pesquisa sobre o relacionamento entre os dois ambientes que servem de base para a formação dos indivíduos, possa ser aprofundada para além da aplicação de questionários, como a realização de entrevistas e acompanhamentos de grupos focais.

O relacionamento família-escola é uma temática permeada de opiniões controversas, tornando-se um desafio para educadores e pesquisadores estreitar a relação com os familiares, e comunidade que formam a escola.

No decorrer da realização deste trabalho foi possível observar que a relação entre família-escola é permeada de encontros e desencontros, onde há a predominância de culpabilização aos pais de não se fazerem presentes no ambiente escolar, mas, não há uma busca por compreender quais os motivos que levam estes pais a não estarem presentes.

Foi possível, ainda, observar que muitas vezes os próprios profissionais presentes na escola não se encontram preparados para receber estes pais, e inseri-los no ambiente escolar. Isto se evidenciou quando, durante a realização deste trabalho, em uma das reuniões que houve o acompanhamento, a professora

encontrou dificuldade de estabelecer um diálogo com um dos pais presentes, e que até então não havia comparecido a nenhuma outra reunião na escola.

Deste modo, foi possível perceber que ao abordar a relação família-escola é necessário buscar compreender a perspectiva de ambos: pais e escola, a fim de pensar em como esta relação possa ser aprimorada na prática.

A realização deste trabalho permitiu, por um lado, melhor compreender diferentes situações e conflitos que poderão ocorrer no relacionamento família-escola na prática futura em minha atuação profissional.

Por outro lado, a realização deste trabalho me impulsiona a dar continuidade e aprofundar o conhecimento sobre os relacionamentos que permeiam o ambiente escolar, bem como buscar conhecer as diferentes perspectivas dessas relações, a fim de ser capaz de auxiliar outros profissionais, alunos e pesquisadores, que assim como eu, possuem anseios em compreender como as relações no ambiente escolar têm ocorrido.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, G. de O.; MEDEIROS, A. M. S. de. **O ENSINO E SUA QUALIDADE NA PERSPECTIVA DOS PAIS**. In: Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED, Junho/2012, Parnaíba/PI. Trabalho de Comunicação Oral. Editora Realize, 2012.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*: Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (serie legislação; n. 83) Atualizada em 15/05/2012. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf>. Acesso em: 20/09/2016.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 26/04/2016.

BHERING, E. **PERCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**. Contrapontos – volume 3 – nº 3 – p. 483-510 – Itajaí, set./dez. 2003.

BHERING, E. SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A RELAÇÃO ESCOLA-PAIS: UM MODELO DE TROCAS E COLABORAÇÃO**. Cadernos de Pesquisa, nº 106, p. 191-216, Março/1999.

CASTRO, J. M; REGATTIERI, M. (Org.). **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104p.

CAVALCANTE, R. S. C. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente**. Psicologia Escolar e Educacional. vol. 2, nº 2. Campinas, 1998.

CURITIBA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. Princípios e Fundamentos. Vol. 1. 2006. Disponível em: <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/downloads/arquivos/3008/download3008.pdf>>. Acesso em: 25/08/2016.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia (Ribeirão Preto), vol.17, nº. 36, p.21-32. Ribeirão Preto, Jan./Abril 2007.

FERREIRA, M. de C. T.; MATURANO, E. M. **Ambiente Familiar e os problemas do Comportamento apresentados por Crianças com Baixo Desempenho Escolar.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, vol. 15, p. 35-44.

FONSECA, N. G.; GOLDENBERG, M. **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.** São Paulo: CEFAC, 1999. 34 p. (CEFAC: Centro de Especialização em fonoaudiologia clínica, linguagem. Projeto de Pesquisa do curso de especialização em linguagem). Projeto concluído.

LIMA, T. B. H.; CHAPADEIRO, C. A. **Encontros e (des)encontros no sistema família-escola.** Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 19. nº 3. Maringá. 2015.

OLIVEIRA, C. B. E. de; ARAÚJO, C. M. M-. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estudos de Psicologia (Campinas). Vol. 27. nº 1. Campinas. Jan./Mar. 2010.

PEREZ, M. C. A. **DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA.** UNESP – Faculdade de Ciências e Letras GEPIFE. 2010. Araraquara/SP. Disponível em: <<http://www.usc.br/wp-content/uploads/2015/05/DI%C3%81LOGOS-POSS%C3%8DVEIS-NA-RELA%C3%87%C3%83O-FAM%C3%8DLIA-ESCOLA.pdf>>. Acesso em: 25/04/2016.

POLONIA, A. da C; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão entre família e escola. Relações Família-Escola.** Psicologia Escolar e Educacional, 2005, vol. 09, n. 2, p. 303-312.

RESENDE, T. de F.; SILVA, G. F da. **A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014).** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.24, n. 90, p. 30-58, jan./mar. 2016.

RIBEIRO, D. de F; ANDRADE, A. dos S. **A assimetria na relação entre família e escola pública.** Paidéia (Ribeirão Preto), Dez 2006, vol.16, n.35, p.385-394. ISSN 0103-863X

SARAIVA, L. A; WAGNER, A. **A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental**. Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.21, n. 81, p. 739-772, out./dez. 2013.

ZANELLA, A. V.; NUERNBERG, A. H.; TEIXEIRA, C. M.; CÔRTE, I.V.; SILVA, J. S. da. **Participação dos pais na escola**: diferentes expectativas. Psicologia e Práticas Sociais. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 132-141, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-12.pdf>>. Acesso em: 27/06/2016.

APÊNDICE



Caro (a) pai ou responsável,

Pedimos a gentileza de responder as questões com sinceridade. Não é necessário se identificar. Você irá colaborar com nossa pesquisa, de trabalho de Conclusão de curso, que busca compreender as perspectivas dos pais de alunos de escola pública.

Muito obrigado (a)!

1- Qual o grau de parentesco com o aluno dessa turma?

Pai

Mãe

Avô/Avó

Tio/Tia

Outro responsável: _____

2- Você Participa das reuniões e eventos que a escola realiza?

Você considera importante participar das reuniões de pais e professores?

3- Você encontra dificuldades para participar das reuniões?

4- Quais das alternativas você realiza em relação a vida escolar do seu filho? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

ver os cadernos diariamente

pergunta para seu filho como foi o dia na escola

Conversa com a professora regularmente

Acompanha seu filho nas tarefas para a casa

Incentiva a importância de estudar

outras: _____

Nenhuma dessas alternativas. Porquê? _____

5- Você auxilia seu filho nos deveres para casa?

6- Seu filho possui algum espaço específico para realizar as tarefas “para casa”?

7- Como você considera sua participação na escola?

8- Já fez parte do Conselho escolar ou da APMF?

() já fiz ou faço parte

() nunca participei

() não conheço

9- Nas atividades da escola seu filho:

() encontra muita dificuldade

() encontra pouca dificuldade

() não encontra dificuldades

10- Se encontra dificuldades, quais são estas dificuldades?

11- Na sua opinião, quais são as razões para o surgimento desta dificuldade?

12- A escola oferece atividades de contra turno para os alunos com dificuldade. Você conhece as atividades que a escola realiza?

13- Como você interage com a escola do seu filho?

14- O que você considera que pode ser feito para melhorar a relação entre a escola e a família?

15- O que você acha que os professores esperam de você, como responsável pelo aluno?
